



**CÂMPUS GOIÂNIA OESTE
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**CONTRIBUIÇÕES PESTALOZZIANAS À PEDAGOGIA DE HELENA ANTIPOFF:
UM OLHAR PARA EDUCAÇÃO DOS EXCEPCIONAIS**

LORRANE IASMIM RIBEIRO COSTA

Monografia

Orientadora: Prof. Dra. Ana Beatriz Machado de Freitas

**Goiânia-GO
2025**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO
NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor:

Matrícula:

Título do Trabalho:

Autorização - Marque uma das opções

- ☒ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
- ☐ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
- ☐ Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção 2 ou 3, marque a justificativa:

- ☐ O documento está sujeito a registro de patente.
☐ O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
☐ Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

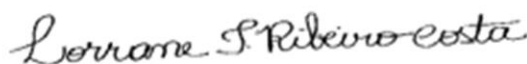
O/A referido/a autor/a declara que:

- o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- obteve autorização de quaisquer materiais incluídos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Aparecida de Goiânia, 30/09/2025.

Local

Data



Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais



CÂMPUS GOIÂNIA OESTE
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

CONTRIBUIÇÕES PESTALOZZIANAS À PEDAGOGIA DE HELENA ANTIPOFF:
UM OLHAR PARA EDUCAÇÃO DOS EXCEPCIONAIS

LORRANE IASMIM RIBEIRO COSTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado (a) em Pedagogia, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Câmpus Goiânia Oeste.

Orientadora: Prof^ª Dra. Ana Beatriz Machado de Freitas

Goiânia-GO

2025

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)

C838c Costa, Lorrane Iasmin Ribeiro

Contribuições pestalozzianas à pedagogia de Helena Antipoff:
um olhar para educação dos excepcionais / Lorrane Iasmin
Ribeiro Costa. -. Goiânia: Instituto Federal de Goiás, 2025. 35f.

Trabalho de conclusão de curso
Bibliografia f.32

1. Helena Antipoff. 2. Pestalozzi. 3. Educação especial;
4. História da Educação. I. Ana Beatriz Machado de Freitas.
II. Instituto Federal de Goiás III. Título.

CDD 370.981

Catálogo na fonte: Shilton Caldeira Nunes CRB1 – 2505
Instituto Federal de Goiás

Folha de Aprovação

**CONTRIBUIÇÕES PESTALOZZIANAS À PEDAGOGIA DE HELENA ANTIPOFF:
UM OLHAR PARA EDUCAÇÃO DOS EXCEPCIONAIS**

LORRANE IASMIM RIBEIRO COSTA

Trabalho de conclusão de curso aprovado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Câmpus Goiânia Oeste.

Aprovado em: / /

BANCA EXAMINADORA

Profª Dra. Ana Beatriz Machado de Freitas (IFG) – Presidente da Banca

Profª Dra. Rachel Benta Messias Bastos (IFG) – Membro Titular

Profª Me. Maria José do Nascimento – Membro Externo

Profª Me. Ádria Assunção Santos de Paula (IFG) – Membro Suplente

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Na presente data realizou-se a sessão pública de defesa da Monografia intitulada **Contribuições pestalozzianas à pedagogia de Helena Antipoff: um olhar para a educação dos excepcionais**, sob orientação de Ana Beatriz Machado de Freitas, apresentada pela aluna **Lorrane Iasmim Ribeiro Costa (20212130010303)** do Curso **Licenciatura em Pedagogia (Câmpus Goiânia Oeste)**. Os trabalhos foram iniciados às **17:00** do dia **28/08/2025** pela Professora presidente da banca examinadora, constituída pelos seguintes membros:

- **Ana Beatriz Machado de Freitas** (Presidente)
- **Rachel Benta Messias Bastos** (Examinadora Interna)
- **Maria José do Nascimento** (Examinadora Externa)
- **Adria Assuncao Santos de Paula** (Examinadora Suplente Interna)

A banca examinadora, tendo terminado a apresentação do conteúdo da Monografia, passou à arguição da candidata. Em seguida, os examinadores reuniram-se para avaliação e deram o parecer final sobre o trabalho apresentado pelo aluno, tendo sido atribuído o seguinte resultado:

☒ Aprovado

☐ Reprovado

Nota : 10,0

Observação / Apreciações:

Proclamados os resultados pelo presidente da banca examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu **Ana Beatriz Machado de Freitas** lavrei a presente ata que assino juntamente com os demais membros da banca examinadora.

Documento assinado eletronicamente por:

- **Rachel Benta Messias Bastos** (887.216.201-72), em 01/09/2025 22:39:25 com chave a84b97c6879d11f0b39c005056a537a4.
- **Ana Beatriz Machado de Freitas** (816.004.101-20), em 28/08/2025 22:30:47 com chave c9f6d54e847711f0b410005056a537a4.
- **Adria Assuncao Santos de Paula** (409.187.931-49), em 29/08/2025 07:42:50 com chave e9103a0484c411f0a969005056a537a4.
- **Maria José do Nascimento** (364.154.561-72), em 29/08/2025 12:08:42 com chave 0ce196f684ea11f08801005056a537a4.

Este documento foi emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse https://suap.ifg.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Ata de Projeto Final

Data da Emissão: 02/09/2025

Código de Autenticação: 328e85



AGRADECIMENTOS

Gostaria, primeiramente, de agradecer a Deus, meu alicerce e fortaleza. Aos meus familiares: minha mãe Leusirene, meu irmão Emerson e minhas irmãs Leusiele, Adriely e Gabrielly, pelo amor incondicional e pelo apoio em todos os momentos.

Ao meu amado esposo Maxwel, pela dedicação, paciência, companheirismo e incentivo constante. Ao amigo Matheus, que fez parte dessa trajetória trazendo-me esperança.

Às minhas amigas e colegas de trabalho Ataise, Luciene, Celita, Kelly, às irmãs franciscanas, à coordenadora Rosilda, entre outros que me apoiaram de maneira especial.

Ao IFG – Câmpus Goiânia Oeste, a todos os professores que, de forma significativa, contribuíram para a minha formação e transformação pessoal e acadêmica. Um agradecimento especial à minha orientadora Ana Beatriz: nossas risadas, diálogos e aprendizados serão inesquecíveis.

Aos meus colegas de turma Rylere, Gabriel, Dayelle e Eulaine, e, em especial, à minha amiga e inseparável Ester, companheira de trabalhos, conselhos, Pibid, estágio e tantos outros momentos que marcaram esta caminhada.

Às amigas Andreia e Leci, pelos valiosos conselhos antes do início da escrita deste trabalho. À professora Edna, à professora Maria José, à colaboradora da Fiocruz e à Universidade Federal de Minas Gerais, pela disponibilidade, atenção e esclarecimentos que tanto contribuíram para a realização desta pesquisa.

RESUMO

Esta pesquisa de cunho histórico, documental e bibliográfico surgiu da curiosidade de uma menina que viveu dificuldades financeiras na infância e se identificou com autores que dedicaram a vida a ajudar pessoas em situação de vulnerabilidade. Inicialmente, o interesse era pesquisar Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), pedagogo suíço, mas ao descobrir que a psicóloga e educadora Helena Antipoff (1882-1974) fundou uma associação que leva o nome dele e realizou uma extensa obra, o foco mudou para ela. O objetivo é conhecer melhor a vida e o legado de Antipoff na educação brasileira, especialmente na educação dos excepcionais entre os anos de 1930 e 1932. Para isso, foram utilizadas como fontes: materiais do acervo digital da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (CDPHA), além de livros, artigos científicos e documentos. Os dois primeiros capítulos foram dedicados, respectivamente, à Pestalozzi e à Antipoff. O terceiro enfoca a pedagogia desta última e aproximações com Lourenço Filho. A pesquisa mostrou que Antipoff teve um papel fundamental na formação de professores, no desenvolvimento de projetos e na valorização dos interesses e da individualidade das crianças com deficiência, principalmente em Minas Gerais. Apesar da instituição fundada por ela levar o nome de Pestalozzi, percebe-se que o vínculo entre os dois é mais uma homenagem institucional do que uma conexão pedagógica profunda. Em suma, o estudo busca ampliar o conhecimento sobre Antipoff para além de Minas Gerais e da figura de Pestalozzi, destacando sua importância para a Educação Especial no Brasil.

Palavras-chaves: Helena Antipoff; Pestalozzi; Educação especial; História da Educação.

ABSTRACT

This historical, documentary, and bibliographic research originated from the curiosity of a young girl who experienced financial hardship during her childhood and identified with authors who dedicated their lives to helping people in vulnerable situations. Initially, the intention was to study Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), the Swiss pedagogue. However, upon discovering that the psychologist and educator Helena Antipoff (1882-1974) had founded an association bearing his name and had carried out extensive work, the focus shifted to her. The aim of this research is to better understand Antipoff's life and legacy in Brazilian education, particularly in special education between 1930 and 1932. The sources used include materials from the digital collections of the Federal University of Minas Gerais (UFMG) and the Helena Antipoff Documentation and Research Center (CDPHA), as well as books, scholarly articles, and documents. The first two chapters are devoted to Pestalozzi and Antipoff, respectively. The third focuses on Antipoff's pedagogy and its connections with Lourenço Filho. The research shows that Antipoff played a crucial role in teacher training, the development of projects, and the promotion of individual interests of children with disabilities, especially in Minas Gerais. Although the institution she founded bears Pestalozzi's name, the bond between them appears to be more of an institutional tribute than a deep pedagogical connection. In short, this study seeks to broaden knowledge of Antipoff's contributions beyond Minas Gerais and her association with Pestalozzi, highlighting her significance in the development of special education in Brazil.

Keywords: Helena Antipoff; Pestalozzi; Special Education; History of Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1- O encontro com a pesquisa frente ao legado humanista de Johann Pestalozzi à Educação.....	16
2. Da experiência europeia ao impacto brasileiro: fatores que moldaram a prática educacional de Helena Antipoff	19
3. Antipoff: Excepcionalidade, Práticas Pedagógicas e Interlocações com a Escola Nova e Lourenço Filho.....	24
3.1 Helena Antipoff e a Escola Nova: inovação e humanização na educação brasileira	24
3.2 A visão de Antipoff sobre a criança excepcional.....	25
3.3 A metodologia de identificação e ensino: experiências, observação e ortopedia mental	26
3.4 Lourenço Filho: trajetória de vida, itinerância e defesa da educação gratuita e laica	29
3.5 Visões pedagógicas em comparação.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS	35
ANEXO.....	38

Lista de Abreviaturas, Siglas e Símbolos

APAE Associação Pais e Amigos dos Excepcionais

CDPHA Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff

IFG Instituto Federal de Goiás

IJR Instituto Jean-Jacques Rousseau

MG Minas Gerais

RS Rio Grande do Sul

TCC Trabalho conclusão de curso

INTRODUÇÃO

Caros leitores,

Esta pesquisa foi, de fato, despreziosa. Na realidade, eu nem sequer imaginava o que me aguardava em relação ao “temido” tema do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), até que, em um dia considerado “normal”, ao finalizar o trabalho de conclusão da disciplina Fundamentos da Educação Especial e Inclusão, no 6º período do curso de Pedagogia, algo me impulsionou a pesquisar sobre o autor Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827) no Google. Não recorro ao certo se foi alguma dúvida, citação ou discussão que provocou essa busca, mas, ao ler a breve descrição sobre o autor, brilharam-me os olhos ao perceber sua humildade e empatia ao ensinar e acolher crianças pobres, mesmo diante de suas próprias adversidades.

Euforicamente, comentei com a professora Ana Beatriz e, após isso, o próximo passo foi descobrir se havia obras escritas por Pestalozzi: quais foram? E como foi seu processo de vida para que ensinasse essas crianças? (Pois, mesmo que pareça “clichê”, em meio às relações atuais que vivemos, observar a subjetividade de quem ensina e de quem aprende e os fatores sociais é indispensável para se compreender o processo de ensino-aprendizagem).

Segundo González Rey (2002) apud Freitas (2005, p.19),

A flexibilidade, versatilidade e complexidade da subjetividade permitem que o homem seja capaz de gerar permanentemente processos culturais que, bruscamente, modificam seu modo de vida, o que, por sua vez, leva à reconstituição da subjetividade, tanto individual quanto social. Trata-se do movimento da subjetividade, isto é, da produção e atribuição de sentidos por parte do sujeito (sentido subjetivo) a partir do contexto das significações sociais que o constituem.

Essa construção subjetiva exige complexidade, pois existem diversas formas de relacioná-la. No que diz respeito à educação, trata-se dos sujeitos em seus processos históricos, algo que se revela em cada etapa e nas transformações que ocorreram ao longo dos anos. Nessas buscas por obras pestalozzianas, encontrei alguns de seus escritos; entre eles está: *Como Gertrudes ensina suas crianças*, escrita entre os anos de 1799 e 1800. São quatorze cartas redigidas a um amigo durante sua estadia na cidade de Stanz, cidade localizada na Suíça.

Com essas descobertas, então desdobraria-se o tema para o TCC.... Será? Aparentemente sim, até que, em um dos últimos textos da discussão da disciplina de Fundamentos da Educação Especial e Inclusão, “surge” Helena Wladimir Antipoff (1892-1974), para me aguçar ainda mais a curiosidade. Descobri que ela foi uma das principais

fundadoras de uma das sociedades Pestalozzi no Brasil (já existia outra, fundada pelo Tiago Würth (1893-1979) em 26 de outubro de 1926, em Canoas-RS. Tiago é um alemão que veio ao Brasil para estudar, fez magistério com duração de três anos e retornou a seu país. Anos depois retornou para o Rio Grande do Sul e fundou a primeira Sociedade Pestalozzi (Fenaspestalozzi, 2025).

A Sociedade Pestalozzi é uma associação civil filantrópica, sem fins lucrativos, voltada à educação de pessoas com deficiência. Antipoff regeu uma das instituições em 1932, em Belo Horizonte (Minas Gerais), a qual foi fundada por ela em 10 de novembro do referido ano (Antipoff, 1992b, p.271). Mas a questão é: o que Pestalozzi e Antipoff têm em comum? Por que a instituição leva o nome de Pestalozzi? Eles se conheceram? Se não, Antipoff o estudou? Foram essas as indagações que fomentaram este TCC.

Sobre Pestalozzi, diante todo seu histórico e reconhecimento, não houve dificuldade para localizar suas obras. Em contrapartida, as obras de Antipoff não são muito citadas, mas encontrei um site com um acervo composto em sua homenagem, o Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (CDPHA). Então, decidi que as férias seriam leituras, escritas e pesquisas sobre essa educadora, principalmente de materiais do acervo do CDPHA, e assim as realizei. Quanto mais avançava, ampliava-se o desdobramento a respeito de Pestalozzi e Antipoff, principalmente seus processos históricos de vidas, os envolvimento com as crianças, as dificuldades financeiras, abrigo e educação aos desabrigados. Tratando-se de crianças, penso que para eles era comovente vê-las de tal forma, tornando-se cada vez necessário oferecer a elas um ambiente transformações para seus percursos.

A investigação continuou; percebi que tanto em Pestalozzi quanto em Antipoff perpassa um autor reconhecido e renomado na Pedagogia: Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). A partir desse momento surgiram novos questionamentos: qual o envolvimento de tal autor nas vidas dos dois? Estudaram as mesmas propostas? E como utilizaram estes estudos? Descobri algo em relação a isso. Para os três autores a concepção do contato com a natureza era fundamental para o ensino-aprendizagem, bem como as experiências que pudessem ter com ela. Todavia, o alcance do trabalho pedagógico de Pestalozzi foi mais assistencial e o de Antipoff mais calcado na materialidade para transformação.

Para Pestalozzi (2023, p .16):

[...]a maior possibilidade de efetivação da formação do povo [Volksbildung] poderia ser alcançada através da completa educação de um número considerável de indivíduos escolhidos dentre as crianças mais pobres do país,

se essas crianças, através de sua educação, não fossem retiradas de seu meio; antes, que, pela educação, mais e mais se ligassem a ele.

Já Antipoff apostou em práticas de e para transformações da realidade vivida fomentadas a partir da aprendizagem dos sujeitos, de modo a fortalecer a autonomia e ampliar possibilidades de ação. Tal movimento é congruente com o contexto histórico-pedagógico vivido por Antipoff, em que a Escola Nova, movimento pedagógico marcante na Europa nas primeiras décadas do século XX e fortalecido no Brasil na década de 1930, emergia como contraponto à pedagogia tradicional, ao valorizar a ação e a inteligência da criança (Aranha 2006).

A formação de professores na perspectiva da Escola Nova, dentro da proposta de renovação do ensino público na década de 1930, foi o principal motivo da vinda de Antipoff para o Brasil. Desse propósito, desdobrou-se o interesse da educadora pelas particularidades das crianças mineiras e, ainda, de forma mais específica, o interesse por educar aquelas às quais denominou excepcionais, como veremos adiante nesta monografia.

Diante desse levantamento inicial, optei por desenvolver uma pesquisa de cunho histórico, documental e bibliográfico. Segundo Severino (2014, p.106), “a pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc”.

Sobre Pestalozzi, recorri ao livro *Como Gertrudes ensina suas crianças* (Pestalozzi, 2023), pela referência explícita a uma forma de ensinar (portanto, um método pedagógico), e a um estudioso de sua biografia (Alves, 2014).

Quanto à Helena Antipoff, a principal fonte pesquisada foi o CDPHA, já mencionado. Trata-se de um vasto acervo de documental digitalizado, disponibilizado à internet pela Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG. Dos documentos desse acervo, destaquei para estudo os volumes I, II e III da coletânea de Antipoff, que tratam de trabalhos desenvolvidos junto a crianças com deficiência e os relacionados à formação de professores e à Sociedade Pestalozzi. Em complemento, pesquisei uma dissertação, artigos.

O portal Domínio público, do Ministério da Educação (MEC, 2018) foi uma fonte importante para dados sobre a vida e obra de autores enfocados nesta monografia: Rousseau, Pestalozzi, Antipoff e Lourenço Filho.

O primeiro capítulo é dedicado a Pestalozzi e ao encontro com a minha pesquisa. O segundo capítulo a Helena Antipoff e à descoberta das práticas pedagógicas. O terceiro capítulo discorre sobre a Escola Nova, a interlocução entre Helena Antipoff e Lourenço Filho e como

esse diálogo contribuiu para pensar práticas mais adaptadas às necessidades das crianças, especialmente aquelas consideradas excepcionais.

A análise da trajetória de vida de Antipoff e Pestalozzi foi essencial para compreender de que forma ambos romperam barreiras diante das dificuldades e o que os motivou a perseverar. Essas motivações se conectam com meu próprio percurso histórico.

Para Bertaux (2010, p.56):

O estudo das trajetórias de formação por meio de narrativas de vida permitiria compreender melhor o que se passa no interior desse mesmo processo, trazendo dados sobre fenômenos inacessíveis por meio de outras técnicas.

Dessa forma, o estudo das trajetórias de formação revela dimensões subjetivas e experiências que enriquecem a compreensão do ensino humanizado, mostrando como a prática pedagógica se constrói a partir da história e das motivações individuais dos sujeitos envolvidos.

Este estudo não é uma autobiografia, porém é narrado na medida em que as descobertas de pesquisa fizeram-se significativas, tanto para o alcance dos objetivos acadêmicos quanto para mim. Portanto, o percurso entrelaça-se com minha subjetividade, de modo que intencionalmente escrevo em primeira pessoa.

1- O encontro com a pesquisa frente ao legado humanista de Johann Pestalozzi à Educação

Ao iniciar as buscas sobre Johann Heinrich Pestalozzi, um pedagogo suíço, eu tinha um entendimento preliminar sobre suas ações. Entretanto, não conhecia a fundo sua trajetória. As informações na internet destacam sua humanidade, relacionamento com seus pais e seu casamento; porém, ao ler a obra *Pestalozzi: um romance pedagógico* (Alves, 2014), foi possível aprofundar em sua biografia: desde a infância, Pestalozzi sabia o que era viver em situações de necessidade; quando seu pai faleceu, a situação tornou-se precária para sua família e, desde então, sua vida financeira não se estabilizou, perpetuando-se até seu falecimento (Alves, 2014). Pode-se dizer que renunciou ao pouco que possuía, em prol de quem nada tinha.

Ao me deparar com seu processo histórico, foi impossível não notar sua gentileza, humildade e empatia ao próximo. Minha primeira indagação foi: como, diante de situações adversas, Pestalozzi continuava persistente, prestativo e sempre disposto a ensinar? A resposta não foi muito difícil de ser encontrada. Tudo começa, segundo Alves (2014), quando o jovem Pestalozzi acompanhava seu avô, um pastor cristão, reconhecido por ajudar as famílias do pequeno vilarejo de Höngg, localizado no distrito de Zurique, na Suíça. Enquanto os ajudava, também instruiu todo o vilarejo com ensinamentos bíblicos.

Pestalozzi e o avô ajudavam as pessoas; acredito que essas lembranças de infância tenham contribuído para ter se perpetuado o foco de Pestalozzi em ensinar as crianças e a exercer voluntariado. Alves (2014) relata que Pestalozzi tornou-se pastor, função que exerceu de forma rápida, pois logo desistiu, mas não modificou seu objetivo de vida.

Além disso, é provável que as referidas lembranças também estejam relacionadas à identificação com o filósofo Jean-Jacques Rousseau. Ao fazer visitas nas casas com o avô, andando entre ruas e bosques, admirava-se com a visão da natureza, o que, mais tarde, o fez se identificar com a leitura de *Emílio ou da educação*, obra escrita por Rousseau em 1762. Pestalozzi, tal qual esse filósofo, acreditava na perspectiva que a natureza traz liberdade ao processo de ensino e gera avanços na aprendizagem. Essa convicção era tanta que tentou educar o filho nessa perspectiva e o nomeou Hans Jakob - pois significa, em alemão, Jean-Jacques, que é o prenome do autor de *Emílio* (Alves, 2014).

É difícil pensar como Rousseau chega a essa conclusão de liberdade como forma de aprendizagem, pois, pelo que se lê de estudos de sua biografia (Cerizara, 1990), não me pareceu ele ter sido uma criança ou sua infância construída à base da natureza; pelo contrário, ocorreram

o falecimento da mãe e dificuldades financeiras, fatores que determinaram sua criação. Por outro lado, percebi que a perspectiva do filósofo poderia ter se desenvolvido por influência das leituras na biblioteca na sua casa, herança deixada pela sua mãe¹.

Outro ponto de aproximação de Pestalozzi com Rousseau é o fato de que ambos escreveram livros que foram censurados. Alves (2014) discorre sobre os escritos de Pestalozzi, dizendo que cada uma de suas obras representam partes e momentos de sua vida. O interessante é que, apesar disso, em nenhuma delas Pestalozzi escreve em primeira pessoa. É como se usasse metáforas narrativas para que, assim, além das vendas gerarem seu sustento, trouxessem reflexões sociais aos leitores, sem chamarem atenção para a sua pessoa.

Com base nas leituras realizadas, constatei que a pedagogia de Pestalozzi caracteriza-se por metodologias que valorizam o natural, o social e a autonomia. A dimensão natural está relacionada à crença de que a natureza, os espaços e as situações cotidianas são fontes de ensino. A social manifesta-se nos momentos em que ele atuava junto às famílias, acreditando que a educação poderia transformar o *status* social. Por fim, a autonomia refere-se à independência das crianças em seus processos de aprendizagem, nas quais Pestalozzi exercia o papel de mediador.

Pesquisar a vida e a pedagogia de Pestalozzi se fez fundamental para tentar compreender a razão da Sociedade Pestalozzi, no Brasil, ter sido assim nomeada. A Sociedade Pestalozzi é uma instituição filantrópica, mantida por voluntários e doações, que objetiva atender famílias, pessoas com necessidades especiais e suas famílias. A primeira instituição pestalozziana foi fundada no Brasil em 1926, na cidade de Canoas-RS, por Thiago Würth (Fenapestalozzi, 2025). A segunda, e mais conhecida, foi fundada por Helena Antipoff na década de 1930 em Belo Horizonte-MG.

Parti da hipótese de que a associação foi assim nomeada devido ao caráter assistencial, colaborativo e educativo e por contar com uma diversidade de voluntários. Por outro lado, não há uma conexão direta da vida de Pestalozzi com o público de pessoas com deficiência, e mesmo Helena Antipoff não objetivou um trabalho assistencialista.

Na década de 20 do século XX, Antipoff foi convidada a vir ao Brasil pelo Secretário de Educação e Saúde do Estado de Minas Gerais, Francisco Luís da Silva Campos, no governo

¹ Conheci o livro de Cerizara (1990) na biblioteca do Instituto San Damiano, situada em Aparecida de Goiânia. O objetivo da ida à biblioteca era ajudar uma companheira a encontrar um livro, mas, ao passar as vistas, observei em uma capa o nome de Rousseau. Mesmo tentando resistir, não me contive e olhei. O livro pertencia a uma coleção antiga chamada Pensamento e Ação no Magistério, pela qual também me interessei.

estadual de Antônio Carlos de Andrada, para subsidiar as propostas do governo mineiro para a melhoria do ensino, a começar pela formação de professores (Jannuzzi, 2012)².

Depois que soube que Antipoff fundou umas das associações pestalozzianas, dediquei-me a estudar a vida e obra dessa educadora com mais profundidade. Impressionei-me com a grandeza do seu trabalho e perguntei-me, então: quais semelhanças existem entre o trabalho dela e o de Pestalozzi?

Esse questionamento abriu caminho para a percepção de que não seria possível compreender sua atuação no Brasil sem antes voltar os olhos para sua formação e para os contextos que a influenciaram. As ideias de Pestalozzi, assim como de outros pensadores europeus, ecoaram em diferentes momentos de sua trajetória, ora como inspiração direta, ora como referência adaptada às demandas brasileiras. Entender de que maneira suas experiências de vida moldaram sua visão pedagógica seria, portanto, essencial para identificar aproximações com os princípios pestalozzianos e, ao mesmo tempo, reconhecer a originalidade de sua contribuição.

² Francisco Campos, então Secretário da Educação de Minas Gerais, tornou-se posteriormente Ministro da Educação no governo Vargas. Seu nome foi atribuído à primeira reforma educacional de âmbito nacional, chamada Reforma Francisco Campos (1931).

2. Da experiência europeia ao impacto brasileiro: fatores que moldaram a prática educacional de Helena Antipoff

Quando iniciei esta investigação e encontrei as coletâneas de Antipoff, a principal fonte pesquisada foi o CDPHA, já mencionado. Seguindo a pesquisa o objetivo é conhecer sua trajetória. Em seguida, verifiquei se havia pensamentos e características pestalozzianas em seu trabalho. Antipoff nasceu em 25 de março de 1892 na cidade de Grodno, localizada no Império Russo. Entre os anos de 1908 e 1910 já frequentava grupos de oposição contra o governo russo oligárquico e czarista. Esse fato acarretava inquietações aos seus pais, que a enviaram a Paris por preocupações com a segurança da filha, pois o governo não postergaria uma perseguição aos contrários ao regime vigente. Antipoff era filha de uma pedagoga e de um militar, especificamente de um capitão do exército russo (Campos, 2010).

A emigração de Helena e sua mãe para Paris durou exatamente dois anos (1910–1912). Após a chegada a Paris, a jovem iniciou o curso de Psicologia. Depois, deslocou-se a Genebra, na Suíça, especializando-se em Psicologia da Educação no Instituto Rousseau. Tal percurso possibilita pensar que há um vínculo na trajetória de sua vida para a escolha de sua atuação na área da Psicologia.

[...] inicialmente, se direcionou para o curso de medicina, na Universidade de Sorbonne, mas considerou as aulas de anatomia e VC fisiologia desinteressantes; foi quando começou a freqüentar as aulas de Pierre Janet e Henry Bérghson, no Collège de France e, a partir daí a psicologia passou a ser o foco. Esse interesse pela psicologia surgiu durante sua passagem pela Inglaterra. No período de três meses em que permaneceu naquele país, em 1911, antes de iniciar as aulas na Sorbonne, fez um estágio de algumas semanas na Saint Helen's School, na cidade de Blackheath. Tratava-se de um educandário para meninos que apresentavam problemas neurológicos, gerando dificuldades nos estudos e na convivência familiar. Preocupada com essas crianças, ela se questionou se a medicina ou outra ciência não poderia ajudar no atendimento dispensado a elas: “além do médico e do psiquiatra, deve haver outro tipo de técnico, atento aos problemas do doente. Uma metodologia diferente deveria ser introduzida e talvez o famoso Alfred Binet pudesse emitir opiniões valiosas” (Antipoff, 1975, p.37 apud Rafante; Lopes, 2013, p. 336).

Percebe-se, diante da análise de Rafante e Lopes (2013), que Antipoff buscou cursos que, de alguma forma, amenizassem o sofrimento da população - especialmente de crianças a que viria posteriormente chamar de “excepcionais”.

Esse termo foi cunhado por Antipoff quando ela estava já há algum tempo no Brasil, país para onde veio a convite do governo de Minas Gerais, como referido. Embora hoje em dia o termo soe ultrapassado, ainda se sustenta, por exemplo, na denominação da Associação de

Pais e Amigos dos Excepcionais-APAE. Para a época, designar pessoas com deficiência como excepcionais era adotar a linguagem menos estigmatizante. E como a referência científica para mensurar normalidade no desenvolvimento humano tinha suporte em testes psicológicos, havia crianças que tinham como resultado "excepcionalidade", no desempenho em testes, sem que, necessariamente, fossem pessoas com deficiência intelectual.

Como se vê, é amplo o sentido do termo Excepcional, que se aplica. Muitas vezes, erroneamente como sinônimo de criança ou qualquer pessoa menos dotada de inteligência, raciocínio, memória, comportamento social desejável.... Anteriormente, não se usava o termo excepcional e sim o termo anormal, como se pode comprovar lendo o 1. Capítulo do Estatuto da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais, fundada em 1932, em seu artigo 1.: Fica instituída nessa Capital (Belo Horizonte) uma sociedade civil, destinada a proteger a infância anormal e preservar a sociedade e a raça das influências nocivas da anormalidade". Em dezembro de 1934, o fascículo II, Boletim 16 de "Infância Excepcional", tratava dos subnormais e desamparados. Depois, no III fascículo, já foram incluídos os delinqüentes, crianças retardadas, surdos-mudos. (Antipoff, 1992c, p.315).

Antipoff conceitua a excepcionais aqueles "que se desviavam acentuadamente para cima ou para baixo da norma de seu grupo em relação às suas características "mentais, físicas e sociais" (Antipoff,1992c, p.271). Sob esse conceito, a Sociedade Pestalozzi redefiniria, aos poucos, seu público prioritário de ação: os diagnosticados com alguma excepcionalidade.

Ao incluir esses dois extremos no mesmo conceito, ela defendeu que todas as diferenças merecem atenção especial, não se restringindo apenas ao atendimento dos déficits. Seu intuito quanto à fundação da sociedade pestalozziana era protegê-los, ajudá-los. Antipoff queria mostrar para a sociedade que as pessoas "excepcionais", no sentido de "menos dotadas" ou com deficiência, não mereciam ser desprezadas ou deixadas de lado, mas sim que tinham muito potencial para crescer e aprender, se recebessem o apoio certo. Conforme os avanços das suas pesquisas e entradas de novas crianças e adolescentes, abrangeu o termo para outra população, a de pessoas denominadas "bem-dotadas", visto que também apresentavam desempenho "não esperado" para a média de idade, ou seja, altas habilidades.

Hoje em dia, quando se fala em inclusão educacional, diz-se da necessidade das pessoas, principalmente por parte de profissionais da saúde e da educação, e também pais ou responsáveis, de ressignificar visões estigmatizantes. No caso dos bem-dotados, são criadas muitas expectativas, e no caso de pessoas com deficiência, é o contrário.

De modo geral, é esquecido que não somos limitados pela aparência ou características de desempenho em testes ou tarefas; o valor de conhecimento não pode ser medido por aspectos físicos ou mentais, mas sim avaliado pelas aprendizagens e transformações que ocorreram durante o tempo e pelas intervenções e finalidade de ensino às quais cada pessoa foi submetida. Daí a importância da formação qualificada de professores, nos âmbitos científico e humano, na Educação Especial e em qualquer educação que pretenda ser inclusiva.

No ano de 1929, ao chegar ao Brasil com objetivo de lecionar na Escola de Aperfeiçoamento de Professores, Antipoff instalou um laboratório de Psicologia e, juntamente com suas alunas (professoras em formação), começou a desenvolver pesquisas. A primeira pesquisa diz a respeito dos interesses das crianças mineiras (Antipoff, 1992a).

Em meio a novas pessoas, culturas e novo trabalho, penso que buscava identificar dificuldades e interesses dos “mineirinhos (as)”. Desse modo contemplaria não somente a formação de professores, mas também a aprendizagem dessas crianças, em especial as caracterizadas por excepcionalidades.

A instituição Sociedade Pestalozzi nasceu em 1932 e formou-se com o propósito de ajudá-las. Um dos problemas que Antipoff enfrentou é que havia chegado há três anos e necessitava de recursos para que seus objetivos se concretizassem. Não havia nome para a instituição, e não necessariamente precisaria ser o nome de Pestalozzi, mas, para respaldo humanístico do trabalho e a busca por investidores, o nome e a história do educador suíço eram bastante conhecidos, ou seja, Pestalozzi era referência para educação.

Juntamente com um grupo de religiosos, médicos psiquiatras, educadores e intelectuais, Helena Antipoff fundou a Sociedade Pestalozzi de Belo Horizonte. O nome da Sociedade lembrava o famoso educador suíço Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), que se tornou conhecido pela defesa de uma abordagem ativa e humanista na educação, e por acolher e educar inúmeras crianças abandonadas na escola que dirigiu em Yverdon, na Suíça, entre 1805 e 1824. (Campos, 2010, p.66).

Na citação acima, confirma-se o envolvimento de contribuintes para a escolha do nome da instituição. Deduz-se, então, que a instituição pestalozziana expandiu-se após contribuições e agrupamento de pessoas com ideias que completaram os ideais antipoffianos, em busca de perspectivas melhores para as crianças. Mas vale ressaltar que, mesmo com a idealização inicialmente assistencial da instituição Pestalozzi, os objetivos de Antipoff eram ambiciosos, e somente a assistencialização não condizia com suas perspectivas de trabalho e desenvolvimento humano e educacional. Veja suas palavras:

O objetivo da Sociedade era, nas palavras da fundadora: assistência, tratamento e estudo da infância excepcional, isto é, crianças que, pela sua própria natureza ou pelas condições do meio em que foram criadas (...), acham-se, comparadas às demais crianças, sem o ajustamento necessário para crescer sadias, física e moralmente, na família, na escola, na comunidade. (Antipoff, H., 1937, p. 8 apud Campos 2010, p.66).

Sobre a citação acima, é interessante notar que Antipoff não se restringia a identificação ou rotulações por testes, ainda que os utilizasse como recursos científicos de ponta em sua época. Ela reconhecia que certas excepcionalidades decorriam de condições sociais ausentes ou insuficientes.

Essa visão ampliada o foi possível devido às suas experiências no cotidiano brasileiro e também às vividas no Instituto Jean-Jacques Rousseau (IJJR), criado e desenvolvido por Cláparede (1873–1940), a quem considerava seu mestre Antipoff (1992a). Neurologista, psicólogo e pesquisador, ele buscava entender particularidades dos pensamentos das crianças, com colaboradores como Antipoff e Jean Piaget (1896-1980).

Do percurso estudado, destaco a capacidade de Antipoff se reinventar a partir dos desafios. Com uma responsabilidade em um país novo, assimilação de outro idioma e cultura, distanciamento da família e do principal mestre (Cláparede) e com tantos estudos a retomar e novos a desenvolver, através de novas situações que se apresentaram a ela, presumo o quanto sua subjetividade pessoal e profissional deve ter sido sensibilizada. Antipoff fez uma escolha: optou por cuidar e educar, mesmo que isso significasse conviver com a ausência de seus afetos mais próximos. Para ela, viver a educação era também um ato de renúncia, pois implicava abrir mão de si mesma em favor da valorização do outro, demonstrando um olhar sensível e comprometido com o desenvolvimento humano em sua forma mais profunda.

Antipoff construiu sua trajetória pela resiliência e pela convicção de que a educação deveria se voltar, de modo especial, aos chamados excepcionais, sujeitos que, durante muito tempo, receberam olhares dispersos, indiferentes ou até mesmo estigmatizados pela sociedade. Reconhecer esse esforço é mais do que revisitar uma experiência histórica: é valorizar um projeto de educação que buscou romper com padrões excludentes e oferecer novas possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento humano.

Para fins de delimitação de estudo desta monografia, fiz um recorte temporal (chegada de Antipoff ao Brasil até a fundação da Sociedade Pestalozzi) e conceitual (centrada na significação e no “objeto” excepcionais). Contudo, não poderia deixar de discorrer acerca de características fundamentais da sua pedagogia e do pano de fundo histórico-educacional da época. Sendo assim, destaquei aproximações entre sua obra e o movimento da Escola Nova, bem como as interlocuções com o educador Lourenço Filho, elementos que constituem o eixo do capítulo seguinte.

3. Antipoff: Excepcionalidade, Práticas Pedagógicas e Interloquções com a Escola Nova e Lourenço Filho

Neste capítulo discorrerei acerca do trabalho de Helena Antipoff junto aos excepcionais, considerando aspectos pedagógicos e históricos transcorridos entres os anos 1930 e 1932, principalmente sob a repercussão do escolanovismo.

Nas décadas de 1920 e 1930, houve avanços do movimento pedagógico denominado Escola Nova. A partir desse movimento houve transformação quanto ao olhar para o desenvolvimento da criança e de suas características de aprendizagem. A educação reconheceu a criança como sujeito no processo educativo, valorizando sua autonomia, experiências e desenvolvimento integral, em detrimento da estrita submissão ao adulto e às imposições do professor.

3.1 Helena Antipoff e a Escola Nova: inovação e humanização na educação brasileira

Para entender os fundamentos e práticas da Escola Nova, é preciso voltar ao seu surgimento e ao contexto que impulsionou esse movimento pedagógico. Uma das mudanças mais significativas foi a transição de um ensino centrado na transmissão de conteúdos para uma abordagem que privilegia a mediação pedagógica. Nessa nova perspectiva, o estudante deixa de ser apenas receptor e passa a participar ativamente da construção do próprio conhecimento. Aranha (2006) descreve suas principais características como: “educação integral (intelectual, moral e física); educação ativa; educação prática, com obrigatoriedade de trabalhos manuais; exercício de autonomia; vida no campo; internato; coeducação; ensino individualizado” (Aranha, 2006, p. 424). Cada um desses elementos se integra à formação humana de modo amplo, tendo como propósito central promover transformações sociais, incentivar a autonomia e fortalecer os vínculos comunitários.

A compreensão e a defesa de que o sujeito aprende a partir de seu interesse e de uma construção autônoma, desenvolveu-se, em países europeus, a partir de concepções sociais que remontam a Rousseau e, mais recentemente, no século XX, com o respaldo das ciências médicas e psicológicas, principalmente da psicologia centrada na criança.

A difusão da Escola Nova no Brasil contribuiu para que se desse maior atenção às diferenças individuais entre as crianças, aspecto ressaltado por pedagogos e médicos como Montessori e Decroly, que atuaram junto aos então chamados “anormais” (Jannuzzi, 2012). Essa valorização da singularidade no processo educativo abriu caminho para novas práticas que reconhecem os ritmos e potencialidades de cada aluno. Nesse movimento, Claparède reforçou

a importância da escola centrada nas necessidades da criança, defendendo uma educação funcional e adaptada às suas características, enquanto Piaget trouxe contribuições fundamentais ao evidenciar os estágios do desenvolvimento cognitivo, mostrando que a aprendizagem se dá de forma gradual e vinculada à maturação psicológica (Campos,2010).

No Brasil, as ideias escolanovistas ressoaram e emergiram com mais veemência na década de 1930, em virtude das transformações sociais e políticas que demandavam uma educação voltada para a modernização do país. Por causa disso, ocorreu o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, que defendia uma escola pública, gratuita, laica e obrigatória para todos, vista como um direito de cada cidadão e uma responsabilidade do Estado. Também trazia ideias importantes, como aproximar o ensino da realidade dos alunos, valorizar o papel do estudante no processo de aprendizagem, apoiar-se em princípios científicos e reconhecer a importância dos professores, sempre buscando uma educação mais democrática e justa para a sociedade (Aranha 2006).

O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova teve este nome por influência da Escola Nova na Europa e EUA. No movimento estavam Anísio Teixeira, Lourenço Filho e Francisco Campos. Este último foi quem abriu as portas para que educadores estrangeiros defensores da Escola Nova viessem para o Brasil, entre eles estava Helena Antipoff. (Jannuzzi, 2012). Ao chegar, Antipoff trouxe consigo experiências europeias voltadas à educação de crianças com necessidades especiais, especialmente no tratamento das diferenças individuais, e passou a articular essas práticas com os princípios escolanovistas, enfatizando a formação integral do aluno e a adaptação do ensino às suas características singulares.

3.2 A visão de Antipoff sobre a criança excepcional

Com sua vasta experiência, Antipoff já chegou com bagagem e ideias sobre como a educação poderia ser aperfeiçoada. Como descrito anteriormente, sua formação se baseava na proximidade com o contexto e na valorização da capacidade do estudante.

Ao citar Antipoff Campos (2010), destaca que a educadora afirmava que cada ser possui sua própria aptidão, não cabendo a nós compará-los ou julgá-los. Além disso, Antipoff acrescenta que é necessário respeitar tanto o nível de desenvolvimento intelectual quanto a dimensão sociocultural de cada indivíduo.

Metodologicamente, como pesquisadora, Antipoff realizava observações do indivíduo em descontração como forma de chegar mais próximo do sujeito, formando a ponte subjetiva entre o sujeito, o interlocutor e o objeto de aprendizagem, de forma a contribuir com a evolução

de personalidade, pois, além de um ensino especializado, buscava também qualidade de vida física e emocional para os excepcionais (Antipoff, 1992c).

Antipoff demonstrava inquietação diante das classificações rígidas atribuídas às crianças que apresentavam dificuldades no processo de escolarização. Em seus escritos e práticas, buscava romper com os rótulos estigmatizantes, defendendo a importância de se olhar para cada sujeito em sua singularidade, sem reduzi-lo a categorias médicas ou sociais que limitassem suas possibilidades de desenvolvimento. Sua preocupação não estava apenas em identificar essas crianças, mas, sobretudo, em compreender suas condições de vida, seus potenciais e as oportunidades educativas que lhes eram oferecidas.

Infelizmente, esse continua sendo um dos principais desafios contemporâneos: existe ensino, mas nem sempre uma aprendizagem efetiva. Embora essa afirmação demande maior aprofundamento, observações provenientes de minha atuação como auxiliar de sala e experiências como pibidiana (bolsista do Programa Institucional de Iniciação à Docência - PIBID), indicam que diversas crianças estão progredindo de série apresentando dificuldades significativas em escrita, leitura e compreensão textual. E a ideia de ensino segue ainda um tanto restrita a conteúdos acadêmicos.

Escolher o termo excepcional não só mostra a sensibilidade de Antipoff, sua preocupação com a construção identitária das crianças. Nomear foi mais que um ato classificatório; foi também um ato político-pedagógico que pôde, na época, incluir no direito à educação de qualidade pessoas consideradas marginalizadas e socialmente incapazes. Para ela, era muito importante compreender as crianças em sua totalidade, era importante ter uma escuta atenta e construir vínculos, era mais valioso que qualquer eloquência ou didáticas mirabolantes. Assim, embora o motivo de sua vinda ao Brasil fosse a formação de professores, o foco voltou-se para as crianças, para que houvesse a possibilidade de abarcar um contexto mais completo.

3.3 A metodologia de identificação e ensino: experiências, observação e ortopedia mental

Para compreender como se estruturavam as práticas docentes, é relevante observar o corpo de colaboradores da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais. Campos (2010) aponta que a equipe era composta por diferentes profissionais, como a diretora Esther Assumpção, quatro professoras, sendo três delas diplomadas pela Escola de Aperfeiçoamento de Professores, além de duas estagiárias, um mestre sapateiro e um hortaleiro.

Sem serventes, com seus próprios esforços, meninos e professoras faziam a limpeza da casa, sempre modelarmente asseada. Fato digno de ser notado: ocupados em exercícios escolares, ou em leituras recreativas, em trabalhos domésticos ou nas oficinas, em reuniões solenes com a diretora ou em excursões, toda e qualquer atividade da criança, por mais banal e humilde que fosse, considera-se no Instituto com a mesma seriedade e utiliza-se invariavelmente para fins educativos. (Antipoff, H., 1937, p.11 apud Campos, 2010, p. 69).

A prática desenvolvida por Antipoff já era considerada inovadora em sua época e continua permanecendo atual. Curiosamente, mesmo com um número aparentemente menor de profissionais, era possível desenvolver atividades coletivas com organização e eficácia.

A preocupação era, com isso, tornar as crianças e adolescentes aptos para “as necessidades da vida econômica e social, desenvolvendo nelas o máximo de aptidões disponíveis, a fim de prepará-las para a vida menos parasitária e mais digna”[...] (Antipoff, H., 1937, p. 12 apud Campos, 2010, p. 71).

Antipoff não queria apenas formar crianças para o fechamento do ciclo escolar, mas sim para a independência de vida, proporcionando autonomia, desenvolvimento e trabalho.

[...] A ideia era proporcionar aos excepcionais a experiência escolar necessária à sua educação integral, em termos práticos, acadêmicos e de formação humana. Para isso se utilizavam processos que integrassem atividades manuais e intelectuais, associando teoria e prática, e promovendo o desenvolvimento da sociabilidade e dos talentos especiais. Em vários momentos Helena Antipoff lembrava que os indivíduos considerados excepcionais, com dificuldades escolares, poderiam apresentar grande talento para as artes plásticas, música ou artesanato, e procurava desenvolver esses talentos nas oficinas pedagógicas. Considerava também que a vida no campo e as atividades agrícolas poderiam ser aprendidas com sucesso pelos excepcionais[...]. (Campos, 2010, p. 78).

Antipoff não trouxe apenas suas experiências laboratoriais: ela transformou seu arcabouço teórico à medida que passou por adaptações, avaliando o que funcionava e o que poderia ser aprimorado. Assim, foi construindo métodos autênticos e originais, encantando-se com os avanços das crianças em seu desenvolvimento.

Desde as experiências na educação de crianças abandonadas na Rússia revolucionária, Antipoff não concordava com essa visão inatista. Adotando uma posição construtivista, considerava que a inteligência deveria ser definida como o resultado da combinação entre as disposições inatas, as condições de vida, a cultura e a educação. Em resumo, a inteligência seria construída no processo de interação do sujeito com o meio social e cultural no qual ele vive[...]. (Campos, 2010, p.52).

É importante destacar que, embora suas práticas se baseassem em experiências

anteriores e em conhecimentos e instrumentos científicos, Antipoff não os tomava como verdades absolutas. Mesmo diante de situações semelhantes, ela realizava observações criteriosas, analisando cada contexto de forma singular para alcançar os objetivos de seus estudos e pesquisas.

Antipoff se preocupava com o desenvolvimento mental, social, e físico das crianças. Para isso, levantava hipóteses a fim de propor quais seriam as melhores formas de favorecer o desenvolvimento infantil no processo educacional, buscando tornar as crianças mais autônomas e com avanços significativos na aprendizagem.

As observações e os resultados dos testes eram vinculados e ampliados em diálogo com propostas de cunho escolanovista, as quais eram baseadas em estudos sobre o psiquismo infantil (como os dos pesquisadores do Instituto Rousseau), influenciando diretamente a formação de professores e, principalmente, a educação de crianças.

E com esse propósito de avanço na educação foram criadas, em alguns estados do Brasil, as Escolas de Aperfeiçoamento para formar professores alinhados a essas novas concepções pedagógicas (Jannuzzi, 2012). Foi nesse contexto que Helena Antipoff e Lourenço Filho desenvolveram pesquisas. O objetivo era organizar as turmas a partir dos níveis de dificuldade de cada criança, respeitando seu ritmo de aprendizagem, um princípio coerente com os ideais escolanovistas.

Antipoff desenvolveu a ortopedia mental, inspirada nos estudos de Alfred Binet, mas reinterpretados a partir da própria vivência direta com crianças em diferentes contextos. Seu método ia além da simples padronização de testes, buscando atender às necessidades concretas de cada sujeito. Baseava-se em exercícios psicomotores para o desenvolvimento mental, mas sempre adaptados às singularidades das crianças, conforme destaca: ³ “Minha longa experiência com as crianças de toda espécie, normais e retardadas, delinqüentes e nervosas, mostrou-me que é sempre possível obter delas uma atenção para os testes psicológicos, quando bem preparadas e curtas” (Antipoff, 1992a, p.167).

Afirmando e evidenciando que toda criança, quando acolhida e compreendida, é um estímulo para o próprio desenvolvimento, Antipoff articulava a aplicação dos exercícios de forma diferenciada, enquanto Binet seguia uma lógica classificante baseada na homogeneidade da inteligência, recorrendo a testes mentais padronizados.

³ Expressões como estas eram comuns antes da substituição pelo termo “excepcionais”, proposta por Antipoff para promover uma abordagem mais humanizada.

Quem criou a curva de normalidade e os critérios de quociente intelectual (QI) foi Alfred Binet. Antipoff, por ser também educadora, não se contentou em só diagnosticar. Ela queria criar um método para que os sujeitos se desenvolvessem a partir do grau da curva em que cada um se encontrava. Ela acreditava que uma pedagogia cientificamente planejada poderia fazer isso e atendendo não somente à "régua do QI", mas também aos interesses e potenciais individuais (Antipoff, 1992a). Então, essa ortopedia visava uma correção, uma aproximação do "normal", mas não pressupunha o enquadramento rígido a uma pedagogia determinada pela "idade mental" (do QI). Essa constatação era importante apenas como ponto de partida para a proposição de atividades em acordo com as motivações e habilidades dos sujeitos em princípio, porém deveriam ser propostos desafios, passo a passo, para que a planejada correção/ normalização acontecesse.

Nesse sentido, a ortopedia mental representava muito mais que uma técnica diagnóstica: era um modo de valorizar a escuta e características de cada sujeito, promovendo o cuidado como prática pedagógica mais humana e respeitosa.

O método buscava corrigir as excepcionalidades quando estas eram consideradas abaixo da curva de desenvolvimento psicológico para a faixa etária. Mesmo havendo contradições, por existir um princípio normalizador, sua proposta era essencialmente humanista, com vistas à autonomia do sujeito como ideal central.

Antipoff tinha consciência das limitações do modelo e, por isso, compreendia a importância de respeitar as diferenças individuais no processo de aprendizagem. Aplicou a ortopedia mental como tentativa de ir além da padronização, alcançando as reais necessidades de cada criança.

3.4 Lourenço Filho: trajetória de vida, itinerância e defesa da educação gratuita e laica

Como dito anteriormente, as Escolas de Aperfeiçoamento de Professores foram ponto de interlocução de estudos entre Lourenço Filho e Helena Antipoff, dois psicólogos importantíssimos, cada um de forma peculiar. Apresentarei brevemente o processo histórico de Lourenço Filho, levando em consideração que toda pesquisa envolve também a constituição subjetiva de seus atores.

Nascido em 10 de março de 1897, filho de pais imigrantes, mãe sueca e pai português que vieram ao Brasil em busca de oportunidades de trabalho, Lourenço cresceu em uma pequena vila chamada Porto Ferreira, em São Paulo, em uma família numerosa e humilde. Percebe-se, segundo Monarcha (2001), que desde cedo se interessava pelos estudos: aprendeu

a ler muito jovem e reunia colegas aos domingos para compartilhar aquilo que já sabia. Esse gesto simples mostra como, já na infância, havia nele um chamado para ensinar.

Sua ida à escola aconteceu pela insistência de um professor chamado Ernesto. Porém, como a educação ainda não era gratuita, seu pai não conseguia custear os estudos de todos os filhos, o que dificultava sua trajetória. Veja como nossos processos históricos de vida marcam nossas escolhas! Essa barreira financeira foi justamente um dos motivos que levaram Lourenço a defender mais tarde uma educação gratuita e laica, acessível a todos.

Mesmo diante de dificuldades, ele não desistiu. Passou por cursos de Medicina e Pedagogia, até concluir Direito em 1929, mas seu coração e sua prática sempre se voltaram à educação. Assim como seus pais que eram itinerantes, Lourenço Filho também teve uma vida de constantes deslocamentos: viajou por muitos lugares, fosse a convite ou assumindo novos cargos. Em cada estado por onde passou, tentou reorganizar a educação e formar professores, mas a frequência dessas mudanças também o impedia de concluir alguns projetos de maior fôlego (Monarcha, 2001).

Ainda assim, seu percurso teve marcos históricos muito significativos. Foi um dos signatários que defendia uma escola pública, gratuita, obrigatória e laica. Essa luta era coerente com sua própria experiência de vida: quem viveu de perto as dificuldades para estudar entendia melhor do que ninguém a importância de abrir caminhos para que todos pudessem ter acesso ao ensino (Monarcha, 2001).

Assim como Helena Antipoff, Lourenço Filho acreditava no poder da educação como transformação social. Se Antipoff se dedicava especialmente aos chamados “excepcionais”, Lourenço, por sua vez, pensava em uma organização ampla da educação nacional. Ambos, cada um ao seu modo, buscavam romper com modelos ultrapassados e construir uma escola que de fato alcançasse a vida real das pessoas (Monarcha, 2001).

Quando olhamos para sua trajetória, percebemos que suas conquistas não nasceram de ideais abstratos, mas de sua própria vivência. As dificuldades da infância, os deslocamentos constantes, a luta por reconhecimento profissional e a experiência em diferentes cargos formaram nele a convicção de que somente uma educação democrática, gratuita e acessível poderia responder às necessidades do povo brasileiro.

Quando analisamos sua trajetória, torna-se evidente que suas conquistas não decorreram de ideais abstratos, mas de experiências concretas. As dificuldades vividas na infância, os deslocamentos constantes, a busca por reconhecimento profissional e o exercício de diferentes funções contribuíram para consolidar a convicção de que apenas uma educação democrática,

gratuita e acessível seria capaz de atender às necessidades do povo brasileiro.

Nesse contexto, uma de suas contribuições mais expressivas, fundamentada na psicologia científica, foi a elaboração dos Testes ABC, que se configuraram como referência no estudo da prontidão escolar. De modo análogo ao princípio de homogeneidade presente na ortopedia, em que se busca a adequação dos exercícios às especificidades do corpo, tais testes visavam estabelecer critérios objetivos de maturidade e preparação para a alfabetização, a fim de determinar o momento mais propício para a aprendizagem da leitura e da escrita (Lima,2007)

3.5 Visões pedagógicas em comparação.

Para compreender as influências e particularidades das abordagens pedagógicas analisadas, é útil comparar os princípios, métodos e perspectivas pedagógicas dos autores estudados, que marcaram a história da educação. Rousseau e Pestalozzi apresentam fundamentos teóricos que valorizam a criança e a experiência concreta, enquanto Helena Antipoff e Lourenço Filho adaptaram essas ideias ao contexto brasileiro, incorporando contribuições da Psicologia da Educação e da Escola Nova.

Quadro comparativo de princípios, métodos e perspectivas pedagógicas: Rousseau, Pestalozzi, Antipoff e Lourenço Filho.

	PRINCÍPIOS	MÉTODOS	PERSPECTIVAS
ROUSSEAU	Educação natural, respeito ao ritmo da criança.	Aprender pela experiência na natureza e observação.	Desenvolver humanos em harmonia com sua própria pureza.
PESTALOZZI	Amor, cuidado e educação integral.	Educação baseada na experiência, envolvendo mente, sentimentos e ação.	Formar crianças com conhecimentos e sensibilidade aguçada e assim mudar seu contexto social.
ANTIPOFF	- Educação democrática e atenção às necessidades educacionais especiais. - Base científica em Psicologia aplicada à Educação.	Observar cada criança e adaptar o ensino conforme os interesses manifestados;	Inclusão social, autonomia e desenvolvimento completo (intelectual, educacional e laboral) das crianças excepcionais.
LOURENÇO FILHO	-Educação democrática. - Base científica em Psicologia aplicada à Educação.	Avaliar com testes e critérios de prontidão escolar.	Organizar o ensino de acordo com a maturidade da criança e suas necessidades de alfabetização, com vistas a garantir a homogeneidade intelectual e de idade por turma .

Fonte: elaboração própria

No quadro é possível perceber que, mesmo com diferenças, todos os autores tinham em comum a valorização da criança como centro do processo educativo. Rousseau destacou a importância da natureza e da liberdade; Pestalozzi, inspirado nele, buscou unir afeto e prática no ensino; Antipoff trouxe para o Brasil a influência europeia junto da ciência e da Psicologia, dando atenção às crianças com necessidades educacionais especiais; e Lourenço Filho, por sua vez, focou mais na organização do ensino e na eficiência das escolas, principalmente no que tange à alfabetização.

Dessa forma, cada um, ao seu modo, contribuiu para a construção de um olhar mais humano e científico sobre a educação, abrindo caminhos que se cruzam na Escola Nova e no fortalecimento da Educação Especial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Helena Antipoff foi visionária para sua época, contribuindo para avanços com referência ao que hoje chamamos de inclusão, tanto no campo social quanto no educacional.

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2008), que atualmente vigora, estabelece que a Educação Especial deve ser oferecida nas escolas, redes e níveis de ensino, com suporte de serviços educacionais especializados, recursos pedagógicos adequados e professores capacitados. Sendo assim, compreende que o estudante com necessidades educacionais especiais precisa ser respeitado e acompanhado no ensino-aprendizagem.

A visão antipoffiana impacta nos lembra que um olhar não deve ser um rótulo, mas um ato de respeito, pois ser excepcional não é estar longe da realidade, mas ter formas próprias e singulares de existir, sentir e aprender. Antipoff percebeu necessidades sociais e intelectuais a serem atendidas. Seu processo histórico e subjetivo a tornou sensível, inclusiva e didática. Inconformada com a realidade, ansiava transformá-la, aspecto que a aproxima de Pestalozzi.

Hoje se fala muito em práticas educativas inclusivas, mas nada adianta se não estiverem atreladas à humanização do processo de ensino-aprendizagem e a conhecimentos científico-pedagógicos. Infelizmente, práticas tradicionais ainda predominam nas escolas e nas políticas públicas. Muitos alunos, com e sem deficiência, concluem o ciclo escolar com déficit na alfabetização e persistem como estudantes “excepcionais” sem o devido apoio, seja pelas condições materiais e socioafetivas das famílias, seja pela insuficiência de políticas públicas, inclusive quanto à formação de professores. Permanecem desprotegidos e ignorados pela sociedade, mesmo quando se fala em inclusão. A ideia inclusiva está instaurada, mas muitas vezes não é vivenciada de fato.

Assim, ao refletir sobre a trajetória e as contribuições de Helena Antipoff, percebo que sua atuação não se restringiu ao passado, mas permanece como um referencial ético e pedagógico indispensável para o presente. Sua compreensão sensível do ser humano, aliada à busca por transformações concretas, nos desafia a repensar a inclusão para além de documentos e discursos. Mais do que um conceito, a inclusão precisa ser um compromisso vivo e, enquanto sociedade, precisamos decidir se iremos apenas proclamá-la ou efetivamente vivê-la.

Tanto Antipoff quanto Pestalozzi compartilhavam uma visão humanística da educação. Concluo que a Sociedade Pestalozzi só alcançou repercussão e expansão nas práticas

pedagógicas voltadas à excepcionalidade graças à firme e persistente atuação de Helena Antipoff e à base assistencial, humanista e sensível inspirada nos princípios de Pestalozzi.

REFERÊNCIAS

ALVES, Walter Oliveira. *Pestalozzi: um romance pedagógico*. Araras, SP: IDE, 1ª ed., 2014. 304 p.

ARANHA, Maria Lúcia Arruda. *História da educação e da pedagogia: geral e Brasil*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 2006.

BERTAUX, Daniel. *Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos*. Tradução de Zuleide Alves Cardoso Cavalcante e Denise Maria Gurgel Lavallée. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. *Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília: Secretaria da Educação Especial/MEC, 2008. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. (Org.). *Dicionário biográfico da psicologia no Brasil: pioneiros*. Rio de Janeiro: Imago, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/BY3MK69V3L4dcnfqZTtNwrq/?lang=pt>

CAMPOS, Regina. Helena de Freitas. Helena Antipoff: razão e sensibilidade na psicologia e na educação. *Estudos Avançados*, v. 17, p. 209–231, dez. 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300013>

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. *Helena Antipoff*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2010. 152 p. (Coleção Educadores). Disponível em : http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraDownload.do?select_action=&co_o_bra=205206&co_midia=2

CDPHA - Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (Org.). *Coletânea das obras escritas de Helena Antipoff. Vol. 1: Fundamentos da Educação*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1992a. Disponível em : https://cdpha.pro.br/wp-content/uploads/2024/01/Helena_volume_1.pdf

CDPHA - Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (Org.). *Coletânea das obras escritas de Helena Antipoff. Vol. 2: Fundamentos da Educação*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1992b. Disponível em: https://cdpha.pro.br/wp-content/uploads/2024/01/Helena_volume_2.pdf

CDPHA - Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (Org.). *Coletânea das obras escritas de Helena Antipoff. Vol. 3: Educação do Excepcional*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1992c. Disponível em: https://cdpha.pro.br/wp-content/uploads/2024/01/Helena_volume_3.pdf

CERIZARA, Beatriz. *Rousseau: A educação na infância*. São Paulo: Scipione, 1990. (Série, Pensamento e Ação no Magistério).

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES PESTALOZZI. *Quem somos*. Disponível em: <https://fenapestalozzi.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 13 set. 2025.

JANNUZZI, Gilberta Martins. *A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao século XXI*. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

LIMA, Ana Laura Godinho. Testes ABC: proposta de governo de uma população problemática. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 11, n. 1, p. 145–152, jun. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572007000100016>

MONARCHA, Carlos (Org.). *Lourenço Filho: uma bibliografia*. Brasília: INEP, 2001. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/diversas/historia_da_educacao/por_lourenco_filho_uma_biobibliografia.pdf

PESTALOZZI, Johann Heinrich. *Como Gertrudes ensina suas crianças*. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2023.

PETERSEN, Laenia Martins. *A Ortopedia Mental: contribuições de Helena Antipoff para a Educação Especial*. 2016. 91 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-A7VMBT/1/disserta_o_laenia.pdf

RAFANTE, Heulalia Charalo. *Helena Antipoff, as Sociedades Pestalozzi e a Educação Especial no Brasil*. 2011. 320 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/20.500.14289/2261>

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 25. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2017. Disponível em: https://presencial.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/632598/mod_resource/content/1/Metodologia_do_Trabalho_Cient%C3%ADfico_-_1%C2%AA_Edi%C3%A7%C3%A3o_-_

[Antonio Joaquim Severino - 2014.pdf](#)

ANEXO



Fotos: Arquivo do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff. Fonte:
(<https://cdpha.pro.br/>). Organização da autora.